26º ENANCIB
Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação
A Amazônia na sociedade global em rede: assimetrias e potencialidades informacionais, tecnológicas e ambientais
Belém, Pará, 09 a 13 de novembro de 2026
Universidade Federal do Pará

ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

GT 11 – Informação & Saúde

ESTUDO DA LITERATURA SOBRE DESORDEM INFORMACIONAL, TIKTOK E ANSIEDADE

LITERATURE REVIEW ON INFORMATION DISORDER, TIKTOK AND ANXIETY

Laura Santos – Fundação Oswaldo Cruz / Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (Fiocruz/ICICT)
Thammyris Garrido – Fundação Oswaldo Cruz / Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (Fiocruz/ICICT)
Marianna Zattar – Fundação Oswaldo Cruz / Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde / Universidade Federal do Rio de Janeiro (Fiocruz/ICICT/ UFRJ)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: as mídias sociais digitais assumem uma presença latente na sociedade, influenciando a busca assuntos cotidianos e, dentre elas, o TikTok destaca-se com seu crescimento durante a pandemia de Covid-19, angariando o consumo de públicos diversos, especialmente de jovens. Nesse cenário informacional, é válido se ater à relação das mídias digitais com a saúde mental dos usuários dessas plataformas. Assim, o objetivo da pesquisa é analisar a produção científica nacional sobre a relação entre a desinformação, a ansiedade e as mídias digitais. A pesquisa bibliográfica, qualitativa e de natureza básica foi realizada na Base de Dados em Ciência da Informação (Brapci), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e Scientific Eletronic Library Online (Scielo). A partir dos critérios adotados na busca, foram recuperados 9 artigos no Portal de Periódicos da Capes. Os estudos ressaltam o constante bombardeamento de informações nas mídias digitais, a incerteza em distinguir informações adulteradas e o acesso desigual são alguns dos fatores que levam ao aumento de sentimentos ansiosos, depressivos e de estresse. Além disso, Zoom, TikTok, Facebook, Twitter e Instagram são entendidos como espaços de criação de comunidades, fortalecendo sentimentos de afeto e pertencimento com base em sistemas de crença, assim como de disseminação de desinformação e de polarização política, gerando medo de perder informações consideradas importantes. Em vista do

crescente uso dessas plataformas, especialmente por jovens, e o baixo retorno de material correlacionando às temáticas, é necessário dar continuidade à investigação do assunto.
Palavras-chave: mídias digitais; ansiedade; desinformação; pandemia Covid-19; saúde mental.

Abstract: digital social media has become a pervasive presence in society, influencing searches for everyday topics; among these platforms, TikTok stands out for its growth during the Covid-19 pandemic, attracting a diverse audience, particularly young people. In this informational landscape, it is worthwhile to examine the relationship between digital media and the mental health of users of these platforms. Thus, the objective of this study is to analyze the national scientific literature on the relationship between misinformation, anxiety, and digital media. The bibliographic, qualitative, and basic-level research was conducted in the Information Science Database (Brapci), the Virtual Health Library (VHL), the Journal Portal of the Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel (Capes), and the Scientific Electronic Library Online (Scielo). Based on the search criteria, 9 articles were retrieved from the CAPES Journal Portal. The studies highlight the constant barrage of information in digital media, the difficulty in distinguishing between accurate and manipulated information, and unequal access as some of the factors leading to increased feelings of anxiety, depression, and stress. In addition, Zoom, TikTok, Facebook, Twitter, and Instagram are seen as spaces for building communities, fostering feelings of affection and belonging based on belief systems, as well as for spreading misinformation and political polarization, which generates fear of missing out on information considered important. Given the growing use of these platforms, especially by young people, and the scarcity of research on related topics, further investigation of this subject is necessary.
Keywords: digital media; anxiety; misinformation; Covid-19 pandemic; mental health.

1 INTRODUÇÃO

Seja nos transportes públicos, nas filas de estabelecimentos ou antes de dormir, as mídias sociais digitais são uma companhia corriqueira. Dada essa intervenção no cotidiano, essas mídias assumem um papel de grande relevância no processo informacional, influenciando o acesso e a recuperação das informações no âmbito individual e coletivo.

Essa lógica informacional assumiu várias roupagens ao longo das décadas, com o Orkut em meados dos anos 2000, o Facebook, WhatsApp e Instagram em meados de 2010, dentre tantas outras plataformas digitais. Passando para o cenário mais recente, Santos e Carvalho (2020) discutem que o TikTok começou a crescer por volta de 2019, impulsionado pelo isolamento social decorrente da pandemia de Covid-19, totalizando mais de 2 bilhões de *downloads* até julho de 2020, em escala global.

Ganhando um espaço cada vez maior em um período de muitas restrições sociais, o TikTok alcançou o consumo de públicos de diferentes idades, identidades sociais e contextos. Desse consumo, foi identificado que “com um perfil de usuários constituído majoritariamente

por indivíduos com idades compreendidas entre 14 e 24 anos, o TikTok tem cada vez mais conquistado espaço dentre as preferências comunicacionais dos jovens" (Santos; Carvalho, 2020, p. 4). Essa constatação é importante para observar os comportamentos informacionais desse público em relação às preferências de busca e impacto das informações na saúde.

De acordo com Rubin (2024), a pesquisa YPulse revelou que 21% das pessoas jovens (de 18 a 24 anos) iniciam suas buscas no TikTok. Corroborando com essa perspectiva, o estudo Adobe (2024 *apud* Ramos, 2024) identificou que 2 em cada 5 pessoas norte-americanas recorrem ao TikTok para as pesquisas. No mesmo sentido, a pesquisa TIC Kids Online Brasil (2026, p. 23) apresentou que, em 2025, 24 milhões de crianças e adolescentes brasileiras (de 9 a 17 anos) são usuárias de Internet, sendo o Instagram e o TikTok, em 2024 e 2025, a terceira e quarta mídias digitais mais consumidas por esse público. Esse consumo também foi evidenciado na pesquisa do Instituto Axxus (2025), que destacou o crescimento de 24,2% do TikTok desde 2022 e o alcance da plataforma em 92 milhões de usuários em 2025.

Diante desse cenário informacional, é necessário se ater à relação das mídias sociais digitais com a saúde mental das pessoas que consomem frequentemente esses conteúdos. O espaço social digital contemporâneo, como destacam Goecking *et al*. (2021), ao atuar como uma forma de espetacularização e competição da vida, muitas vezes pode desencadear gatilhos na saúde mental das pessoas que não filtram os conteúdos ou consomem de maneira inconsciente, propiciando o desenvolvimento de sentimentos ansiosos e abalos na autoestima. Assim, mobiliza-se o conceito de desordem informacional (*information disorder*), cunhado por Wardle e Derakhshan (2017) como uma moldura conceitual que reúne três fenômenos informacionais distintos, porém inter-relacionados: a desinformação (*disinformation*), informação falsa criada e compartilhada deliberadamente para causar dano; a informação errônea (*misinformation*), igualmente falsa, mas disseminada sem intenção de prejudicar; e a informação maliciosa (*malinformation*), baseada em fatos reais, mas empregada fora de contexto para causar dano a uma pessoa, organização ou país. Neste estudo, a desordem informacional é compreendida como a chave de leitura que permite relacionar a circulação massiva e pouco filtrada de conteúdos nas mídias sociais digitais aos quadros de ansiedade e aos demais abalos na saúde mental de seus usuários.

Com os impactos das informações manipuladas e da disseminação de desinformação no âmbito digital, apoiados pelo crescimento das mídias sociais digitais, principalmente entre a

juventude, é necessário entender os abalos na saúde mental desse público. Assim, o objetivo da pesquisa é analisar a produção científica nacional sobre a relação entre a desinformação, a ansiedade e as mídias digitais.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa é bibliográfica, qualitativa e de natureza básica. De modo a investigar o tema exposto anteriormente, foi realizada uma revisão de literatura sobre a relação entre as mídias sociais (em especial o TikTok), a desinformação e a saúde mental (em especial a ansiedade).

A recuperação dos dados se deu na Base de Dados em Ciência da Informação (Brapci), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e *Scientific Eletronic Library Online* (Scielo) no dia 30 de março de 2026. A preferência por tais fontes de informações foi em razão da abrangência de bases de dados que são referenciais ou agrupam bases referenciais em seus acervos e oferecem texto completo.

A estratégia de busca utilizada foi: "(*desinformação OR disinformation*) *AND* ("*saúde mental*" *OR* "*mental health*") *AND* (*ansiedade OR anxiety OR* "transtorno* menta*" *OR* "*mental disorder**") *AND* ("*tik tok*" *OR tiktok OR* "mídia* socia*" *OR* "social media*" *OR* "rede* socia*" *OR* "plataforma* digita*" OR "*digital platform**")".

Os critérios adotados para delimitação dos itens foram: artigos em texto completo publicados em periódicos brasileiros ou produzidos por pessoas com vínculo institucional no Brasil e sem delimitação temporal. A partir dos critérios, foram recuperados somente 9 artigos no Portal de Periódicos da Capes e, por isso, foi utilizado este conjunto de dados para a análise.

Quadro 1 - Conjunto de artigos rselecionados para a análise

Título do artigo	Autoria	Ano de publicação
'Confused, scared, hopeless, unsure': Teens looking for information about Covid-19	Bowler	2022
"Feared and Avoided": Psychosocial Effects of Stigma against Health Care Workers during Covid-19	Vani e Banerjee	2021
Global pandemic perspectives: public health, mental health, and lessons for the future	Moeti, Gao e Herrman	2022
Health communication, infodemics and disinformation about dementia related contents during Covid pandemic in Arabic countries: A bibliometric analysis	Taiebine, Marfak e Nejjari	2024

Learning from the Ex-Believers: Individuals' Journeys In and Out of Conspiracy Theories Online	Engel, Phadke e Mitra	2023
Room without Room: Affect and Abjection in the Circuit of Self-Regard	Crano	2021
Scrolling Mindlessly: Emerging Mental Health Implications of Social Networking Sites	Sinha *et al*.	2023
Social Media and Artificial Intelligenced Understanding Medical Misinformation Through Snapchat's New Artificial Intelligence Chatbot	Tandar *et al*.	2024
'Waiting with Bated Breath': Navigating the Monstrous World of Online Racism	Fredericks e Bradfield	2021

Fonte: elaboração própria (2026).

Para a realização da discussão nesta pesquisa, foi empreendida uma análise temática do conteúdo de cada um dos artigos selecionados, tendo como objetivo **analisar a produção científica nacional sobre a relação entre a desordem informacional, as emoções e as mídias digitais, especificamente a partir da desinformação, ansiedade e TikTok.**

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise temática do conteúdo dos artigos selecionados com o objetivo de analisar a produção científica nacional sobre a relação análise temática do conteúdo dos artigos selecionados com o objetivo de analisar a produção científica nacional sobre a relação entre a desinformação, a ansiedade e as mídias digitais em foi possível observar a ansiedade como questão emergente nas pesquisas que interrelacionam a desinformação e o TikTok. A organização dos resultados segmentou os textos que tratavam da pandemia de Covid-19 e outros categorizados como mais abrangentes.

3.1 DESORDEM INFORMACIONAL, ANSIEDADE E PANDEMIA DE COVID-19

No estudo de Vani e Banerjee (2021), a relação da desinformação nas mídias sociais com a saúde mental ficou aparente ao observar que o aumento de informações errôneas, durante o período pandêmico de Covid-19, levou à propagação do medo, de boatos falsos, estigmas e discriminações que, dentre tantos públicos afetados, também repercutiram nos profissionais da saúde que atuaram na linha de frente ao enfrentamento da Covid-19. Além disso, os Vani e Banerjee (2021) destacam que, quanto à perspectiva do profissional da saúde, também há o estresse em lidar com uma situação desconhecida e repleta de incertezas.

Ao pensar a atuação do profissional enfermeiro da atenção primária, Ribeiro, Maia e Santos (2025) destacam que também tem um papel de educador da comunidade, uma vez que é responsável por entrar em contato com as famílias e esclarecer suas dúvidas, incertezas e inseguranças. Por conta disso, a propagação de informações manipuladas ou falsas pode agravar problemas de saúde e afetar a confiança da sociedade com os profissionais da saúde, gerando sentimentos ansiosos e de estresse em ambos os contextos.

Essa relação entre informação e saúde mental no período pandêmico não acometeu somente os profissionais da saúde, como também ficou evidente na juventude. Como pontuado na pesquisa de Bowler (2022), a crise global revelou a importância do apoio informacional e emocional para os adolescentes, tendo em vista que muitos são responsáveis por buscar e transmitir as informações para suas famílias e amigos, dada a facilidade tecnológica mais recorrente na juventude, gerando sobrecarga em muitos casos entrevistados pelo autor.

Ao analisar as fontes de informação mais confiáveis na perspectiva dos adolescentes, Bowler (2022) observou uma resposta positiva para profissionais da saúde, organizações governamentais e noticiários. Quanto às mídias sociais digitais, o autor destaca que, apesar de não terem sido fontes preferenciais, o YouTube, Instagram, Twitter, Facebook e TikTok desempenharam um papel importante no processo informacional desse público porque, 60% dos adolescentes, ao responderem que confiam nos profissionais da saúde como fonte preferida, também incluíram as participações em canais televisivos, vídeos no YouTube ou citados em noticiários.

Ao identificar as palavras utilizadas para descrever os sentimentos dos adolescentes com as informações sobre a Covid-19, Bowler (2022) mapeou uma relação envolta de sentimentos ansiosos, confusos, assustados, nervosos, tristes, aflitos, incertos, desesperançosos, de sobrecarga, de estresse, dentre outros. Tal cenário, segundo o Bowler (2022), pôde ter sido ocasionado pela abrangente polarização política nas plataformas digitais utilizadas, a dificuldade de discernir fatos de opiniões e a crescente disseminação de desinformações sobre a situações global, levando ao ceticismo e à frustração por parte desse público quanto às informações disseminadas por esses canais de comunicação.

O cenário de desconfiança também foi evidenciado por Moeti, Gao e Herrman (2022, p. 4-5), os quais destacaram que a infodemia nas mídias sociais digitais na China facilitaram a propagação de informações tanto verídicas quanto errôneas e essa percepção resultou em

ataques e insultos direcionados às pessoas cientistas do país, dado que o público acreditava que tais pessoas estavam espalhando boatos e desinformação sobre a Covid-19. Tal situação se aproxima da análise de Vani e Banerjee (2021) à medida que ambas as profissões desempenham papéis educadores na sociedade e suas posições são fragilizadas pela disseminação de desinformações.

Em relação à saúde mental Moeti, Gao e Herrman (2022) apontam que é uma questão negligenciada globalmente – principalmente em grupos marginalizados –, ainda que a pandemia tenha aumentado sua conscientização, demonstrando que é uma prioridade moral, econômica e de saúde pública. No contexto pandêmico, segundo os Moeti, Gao e Herrman (2022), a saúde mental das pessoas que consumiam os conteúdos das mídias sociais digitais também foi abalada pela infodemia, agravando a desconfiança, o ceticismo, a frustração e outros sentimentos relacionados, como também facilitando a propagação de informações falsas uma vez que a dificuldade em distinguir o real do manipulado era um grande obstáculo.

Por fim, na pesquisa de Taiebine, Marfak e Nejjari (2024), foi visto que o processo de busca por informações durante o período pandêmico não foi igual para todos os grupos sociais, dado que as pessoas com demência enfrentaram desafios em acessar informações confiáveis e fidedignas, gerando efeitos negativos no comportamento e na saúde mental desse público, como o agravo da ansiedade e a desconfiança em instituições e pessoas públicas. Sendo assim, entende-se que a circulação de desinformação nas mídias sociais digitais no período pandêmico impactou negativamente o emocional de diferentes grupos sociais, em especial às pessoas em situação de vulnerabilidade.

Ponderando-se sobre o conjunto de estudos analisados nesta subseção, observa-se que a literatura recuperada converge ao situar a desordem informacional como agente potencializador do sofrimento psíquico durante crises sanitárias, mas incide predominantemente sobre contextos internacionais (Índia, China, Marrocos), o que limita a compreensão sobre as especificidades do cenário brasileiro, marcado por desigualdades de acesso à informação e à saúde que podem intensificar os efeitos aqui discutidos. Chama atenção, ainda, que os estudos tendem a tratar a desinformação como uma variável isolada, quando, na prática, ela interage com fatores estruturais, tais como a precarização do trabalho dos profissionais da saúde e a vulnerabilidade etária dos adolescentes na socialização mediada por artefatos tecnológicos e que também merecem ser problematizados em pesquisas futuras.

3.2 O MUNDO INFORMACIONAL ABRANGENTE

Para além da pandemia de Covid-19, os estudos recuperados também continham abordagens diferentes sobre a relação entre desinformação, mídias sociais digitais e saúde mental. No estudo de Engel, Phadke e Mitra (2023), foi discutido como as mídias sociais digitais (as plataformas, os conteúdos e as comunidades *online*) assim como situações econômicas, sociais, políticas e culturais possibilitam a criação e o envolvimento, bem como o afastamento de pessoas com teorias da conspiração.

Segundo os Engel, Phadke e Mitra (2023), o envolvimento com esses conteúdos pode ser ocasionado por entretenimento, o desejo de promover o bem social ou predisposições religiosas ou culturais; o rápido engajamento desses conteúdos se deve ao crescimento das plataformas digitais; e o afastamento dessas comunidades tem como justificativa: a discordância das visões de mundo entre a comunidade e o usuário, movimentos de afastamento da internet como um todo e outros fatores. Quanto aos impactos na saúde mental das pessoas participantes ou não dessas comuniades, Engel, Phadke e Mitra (2024) identificam que as mudanças de crenças – seja por virar um apoiador dessas teorias ou se desvincular delas – repercutem nos indivíduos, levando a comportamentos solitários e limitações nas interações sociais.

Na pesquisa de Fredericks e Bradfield (2021), foi observado que as mídias digitais operam como espaços de disseminação de discursos de ódio, abusos ou transgressões, em especial às populações étnico-raciais marginalizadas. Ao utilizar o conceito de monstros como metáfora para discutir o racismo *online* contra povos indígenas da Austrália, os Fredericks e Bradfield (2021) identificam que a desinformação, a prática de *trolling* e o *clickbait* nesses contextos têm o potencial de provocar uma exposição maior à vítima – levando ao agravo da vulnerabilidade e da saúde mental dessa pessoa, levando ao aumento de sentimentos ansiosos, por exemplo –, assim como o de receber a validação de pessoas com as mesmas crenças preconceituosas ou a contestação dessas atitudes por coletivos de pessoas *online*.

Ao analisar a síndrome de *scroll* (ou rolagem), Sinha *et al*. (2023) entendem que é uma compulsão da era digital, na qual as plataformas utilizam um mecanismo similar ao de jogos de azar e caça-níqueis, isso é, as recompensas aparecem de forma imprevisível fazendo com que as pessoas fiquem tão envolvidas nos conteúdos que perdem a noção de tempo e estabelecendo um ciclo contínuo que mantém o usuário preso naquela atividade infinita. As

pessoas Sinha *et al*. (2023) discorrem que as consequências desse comportamento são a piora da cognição, atenção e concentração daquele usuário, a redução do pensamento crítico e reflexivo, assim como o surgimento de transtornos ansiosos quando a pessoa não está rolando o *feed* sem parar.

Ainda segundo Sinha *et al*. (2023, p. 180), essa estrutura é benéfica para as organizações das plataformas digitais, tendo em vista o mercado que se cria a partir desse comportamento compulsivo. Essa perspectiva é corroborada no estudo de Hissa (2023) pois, ao analisar o *design* multimodal no Instagram, foi visto que 40% das postagens foram oriundas de páginas comerciais. A Hissa (2023) ressaltou também que a barra de rolagem infinita traz consequências como a exaustão cognitiva, uma vez que os usuários precisam estar estimulados a todo momento.

Sob uma outra dinâmica, Crano (2021) discorre sobre como a tecnologia influencia nossa percepção sobre nós mesmos e sobre as interações sociais. Ao analisar a plataforma de videoconferências Zoom, Crano (2021) identifica um espaço virtual que é, ao mesmo tempo, presente e ausente de interação, tendo em vista que a plataforma permite um espaço de criação de comunidades, porém as trocas são ausentes de afeto e espontaneidade, resultando na priorização da troca de informações em detrimento da experiência humana.

Em relação à saúde mental, Crano (2021) reflete que esse espaço de constante exposição virtual pode afetar o emocional das pessoas, aumentando a ansiedade em ser visto. Ao recorrer à literatura, esse cenário também é evidenciado por Pereira, Neves, Rocha e Domingues (2022) ao investigarem a relação de discentes de enfermagem com o ensino remoto durante a pandemia de Covid-19, revelando que 31% das pessoas entrevistadas afirmaram ter problemas com a saúde mental. Essa situação também foi aparente no estudo de Romanzini, Botton e Vivian (2023) ao buscar entender a relação do ensino remoto da pandemia sob a perspectiva das crianças, mostrando que o distanciamento social impactou o aprendizado infantil e abalou a saúde mental delas, sendo recorrentes comportamentos ansiosos, tristes, de medo e irritabilidade.

Como último caso, a pesquisa de Tandar, Bajaj e Stanford (2024) demonstrou como a relação dos chatbots dotados de Inteligência Artificial (IA) do Snapchat pode proliferar desinformações médicas e agravar a saúde mental dos usuários, principalmente os adolescentes que são o maior público consumidor da plataforma. De acordo com os achados, “o uso de

chatbots nas redes sociais para consultas sobre saúde mental pode atribuir uma responsabilidade excessiva ao usuário, em vez de recomendar que ele procure ajuda de um profissional de saúde ou de um adulto de confiança" (Tandar; Bajaj; Stanford, 2024, p. 253). Dessa forma, entende-se que essa relação tecnológica individualiza o sofrimento emocional.

Nesse sentido, as pessoas Tandar, Bajaj e Stanford (2024) defendem que as estratégias de combate à desinformação no ambiente online precisam abarcar também o impacto das ferramentas de IA, diante de sua presença cada vez mais recorrente nas dinâmicas tecnológicas contemporâneas. Diante do panorama apresentado, evidencia-se que a relação entre desinformação, mídias sociais digitais e saúde mental, sobretudo a ansiedade, constitui uma temática ampla e multifacetada, que demanda abordagens diversificadas de investigação.

Os estudos apresentados nesta subseção apresenta um deslocamento importante em relação à seção anterior: para além do contexto pandêmico, a desordem informacional aparece imbricada às próprias arquiteturas técnicas das plataformas (os mecanismos de recompensa variável da rolagem infinita, os algoritmos de recomendação e, mais recentemente, os *chatbots* baseados em IA) o que sugere que o problema não se restringe ao conteúdo desinformativo em si, mas às lógicas de design que intensificam o consumo compulsivo e a exposição contínua. Essa leitura reforça a necessidade de que as pesquisas em Ciência da Informação dialoguem mais estreitamente com os estudos de design de interação e de plataformização, de modo a compreender a ansiedade não apenas como resposta a conteúdos falsos, mas como efeito de uma arquitetura informacional projetada para maximizar o engajamento.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As plataformas digitais revelam-se ambivalentes: enquanto favorecem a criação de comunidades, laços de pertencimento e apoio afetivo, também atuam como vetores de desinformação, polarização política e teorias conspiratórias, processos capazes de reconfigurar crenças e comportamentos, como também de repercutir negativamente na saúde mental, ocasionando transtornos mentais como de ansiedade, nos usuários. Ademais, a incorporação crescente de ferramentas baseadas em inteligência artificial — *chatbots* e mecanismos de recomendação — suscita novas preocupações, tais como a individualização do sofrimento emocional e a potencial veiculação de orientações médicas imprecisas.

A partir do cenário identificado viu-se que o presente estudo pode ressaltar a necessidade de pesquisas nacionais mais amplas e diversificadas sobre a temática, para que

essas possam articular a investigação empírica, estudos longitudinais e abordagens interdisciplinares.

Cabe ressaltar a importância da ampliação da produção científica que investigue os efeitos psicológicos específicos de plataformas como o TikTok e dos mecanismos algorítmicos, avalie as intervenções educativas e de alfabetização midiática voltadas para adolescentes e suas famílias, examine os impactos diferenciados em grupos vulneráveis (crianças, pessoas com deficiência, entre outros) e, por fim, analise criticamente o papel das ferramentas de IA na produção e no aumento da desinformação em saúde. É interessante também que a produção científica caminhe e evolua de forma contínua e lado a lado das políticas públicas de saúde mental, juntamente com as práticas de divulgação científica.

Reconhecem-se as limitações metodológicas inerentes a essa revisão, sobretudo o número reduzido de artigos nacionais recuperados e a concentração da amostra no Portal de Periódicos da Capes, o que reforça mais uma vez a necessidade da continuidade investigativa. Como pista para outras pesquisas, indica-se que, embora a busca tenha sido delimitada em bases de como com acesso via política científica do Brasil a partir da Brapci, BVS, Portal de Periódicos da Capes e Scielo, o *corpus* efetivamente recuperado é majoritariamente composto por estudos de autoria e afiliação institucional internacionais (Índia, Marrocos, Austrália, Estados Unidos e organismos multilaterais). Tal discrepância pode evidenciar a escassez de produção nacional sobre a temática em tais fontes de informação, no recorte pesquisado, e reforça a urgência de investimento em pesquisas brasileiras sobre desordem informacional, mídias digitais e saúde mental. A ampliação das bases de dados, o uso de termos de busca variados e estudos empíricos complementares poderão contribuir com maior profundidade para compreender como as dinâmicas informacionais contemporâneas afetam a saúde mental, bem como para subsidiar políticas públicas e práticas de prevenção e promoção do bem-estar informacional.

REFERÊNCIAS

BOWLER, Leanne. “Confused, scared, hopeless, unsure”: teens looking for information about COVID-19. **Information Research**, Borås, v. 27, n. esp., 2022. DOI: https://doi.org/10.47989/irisic2220. Acesso em: 24 maio 2026.

CRANO, Ricky. Room without room: affect and abjection in the circuit of self-regard. **M/C Journal**, [*s. l.*], v. 24, n. 3, 2021. DOI: https://doi.org/10.5204/mcj.2790. Acesso em: 24 maio 2026.

ENGEL, Kristen; PHADKE, Shruti; MITRA, Tanushree. Learning from the ex-believers: individuals' journeys in and out of conspiracy theories online. **Proceedings of the ACM on Human-Computer Interaction**, New York, v. 7, 2023. DOI: https://doi.org/10.1145/3610076. Acesso em: 24 maio 2026.

FREDERICKS, Bronwyn; BRADFIELD, Abraham. "Waiting with bated breath": navigating the monstrous world of online racism. **M/C Journal**, [*s. l.*], v. 24, n. 5, 2021. DOI: https://doi.org/10.5204/mcj.2825. Acesso em: 24 maio 2026.

GOECKING, Dandara *et al*. A compulsão do TikTok e a exibição de transtornos psicológicos. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 44., 2021, Recife. **Anais** [...]. Recife: UAM: Intercom, 2021. Disponível em: https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2021/resumos/ij02/dandara-goecking.pdf. Acesso em: 22 out. 2026.

HISSA, Débora Liberato Arruda. O design multimodal do Instagram: da barra de rolagem infinita à organicidade algoritmizada do feed de notícias. **Revista Intersaberes**, Curitiba, v. 18, 2023. DOI: https://doi.org/10.22169/revint.v18.e023do1009. Acesso em: 24 maio 2026.

INSTITUTO AXXUS. **Uso de mídias sociais no Brasil**: evolução e tendências (2020-2025). Campinas: Instituto Axxus, 2025. Disponível em: https://axxus.institute/web-coach/pesquisa-midias-sociais-evolucao-tendencias-2025.html. Acesso em: 23 maio 2026.

MOETI, Matshidiso; GAO, George F.; HERRMAN, Helen. Global pandemic perspectives: public health, mental health, and lessons for the future. **The Lancet**, [*s. l.*], v. 400, n. 10353, p. 3-7, 2022. DOI: https://doi.org/10.1016/S0140-6736(22)01328-9. Acesso em: 24 maio 2026.

PEREIRA, Allisson da Silva; NEVES, Géssica Tauamy Lima; ROCHA, Sarah Lais; DOMINGUES, Robson José de Souza. Ensino remoto como ferramenta de aprendizagem dos estudantes de enfermagem durante a pandemia da covid-19. **Revista Interdisciplinar de Saúde e Educação**, Ribeirão Preto, v. 3, n. 1, p. 24-46, 2022. DOI: https://doi.org/10.56344/2675-4827.v3n1a2022.2. Acesso em: 24 maio 2026.

RAMOS, Marien. Geração Z troca Google por buscas no TikTok, diz estudo. **CNN Brasil**, [*s. l.*], 19 abr. 2024. Economia. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/economia/negocios/geracao-z-troca-google-por-buscas-no-tiktok-diz-estudo/. Acesso em: 23 maio 2026.

RIBEIRO, Lorena Roas; MAIA, Krisnara de Oliveira; SANTOS, Sunamita Gabriela de Sousa Leite. O desafio do enfermeiro da atenção primária em saúde no incentivo a adesão vacinal infantil frente a influência da fake news, desinformação e o impacto da covid-19: uma revisão sistemática. **Revista Contemporânea**, [*s. l.*], v. 5, n. 9, art. e9071, 2025. DOI: https://doi.org/10.56083/RCV5N9-055. Acesso em: 24 maio 2026.

ROMANZINI, Andréia Vedana; BOTTON, Letícia Thomasi Jahnke; VIVIAN, Aline Groff. Repercussões da pandemia da Covid-19 em crianças do Ensino Fundamental. **Saúde em**

Debate, Rio de Janeiro, v. 46, n. esp. 5, p. 148-163, 2023. DOI: https://doi.org/10.1590/0103-11042022E513. Acesso em: 24 maio 2026.

RUBIN, April. Google who? Gen Z is searching on TikTok, YouTube instead. **Axios**, [*s. l.*], 13 abr. 2024. Technology. Disponível em: https://www.axios.com/2024/04/11/google-gen-z-search-engines-tiktok-youtube. Acesso em: 23 maio 2026.

SANTOS, Kleber Emmanuel Oliveira; CARVALHO, Ana Beatriz Gomes. Mídias sociais e educação em tempos de pandemia: o TikTok como suporte aos processos de ensino e aprendizagem. **Em Teia**: Revista de Educação Matemática e Tecnológica Iberoamericana, Recife, v. 11, n. 2, 2020. DOI: https://doi.org/10.36397/emteia.v11i2.248135. Acesso em: 23 maio 2026.

SINHA, Snigdha *et al*. Scrolling mindlessly: emerging mental health implications of social networking sites. **Journal of Public Health and Primary Care**, Maharashtra, v. 4, n. 3, p. 179-181, 2023. DOI: https://doi.org/10.4103/jphpc.jphpc_41_22. Acesso em: 24 maio 2026.

TAIEBINE, Mohamed; MARFAK, Abdelghafour; NEJJARI, Chakib. Health communication, infodemics and disinformation about dementia related contents during COVID pandemic in Arabic countries: a bibliometric analysis. **Alzheimer's & Dementia**: the journal of the Alzheimer's Association, [*s. l.*], v. 20, n. 4, 2024. DOI: https://doi.org/10.1002/alz.086854. Acesso em: 24 maio 2026.

TANDAR, Clara E.; BAJAJ, Simar S.; STANFORD, Fatima Cody. Social media and artificial intelligence: understanding medical misinformation through Snapchat's new artificial intelligence chatbot. **Mayo Clinic Proceedings**: Digital Health, Minnesota, v. 2, n. 2, p. 252-254, 2024. DOI: https://doi.org/10.1016/j.mcpdig.2024.04.004. Acesso em: 24 maio 2026.

TIC KIDS ONLINE BRASIL. **Pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil**. [livro eletrônico]. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2026. Disponível em: https://cetic.br/pt/publicacao/pesquisa-sobre-o-uso-da-internet-por-criancas-e-adolescentes-no-brasil-tic-kids-online-brasil-2025/. Acesso em: 23 maio 2026.

VANI, Pulaparambil; BANERJEE, Debanjan. "Feared and avoided": psychosocial effects of stigma against health-care workers during COVID-19. **Indian Journal of Social Psychiatry**, Maharashtra, v. 37, n. 1, p. 14-18, 2021. DOI: https://doi.org/10.4103/ijsp.ijsp_319_20. Acesso em: 24 maio 2026.

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. **Information disorder**: toward an interdisciplinary framework for research and policy making. Strasbourg: Council of Europe, 2017. Disponível em: https://rm.coe.int/information-disorder-report/1680764666. Acesso em: 11 set. 2026.

AGRADECIMENTOS OU FINANCIAMENTO

Agradecemos a Agência de Fomento Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento desta pesquisa.